

GRODT, Aline; LORANDI, Aline. Resenha de “Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolingüística”, de Alessandra del Ré (org.). *ReVEL*. Vol. 6, n. 11, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

## **RESENHA DE “AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM PSICOLINGÜÍSTICA”, DE ALESSANDRA DEL RÉ (ORG.)**

**Aline Grodt<sup>1</sup>**

**Aline Lorandi<sup>2</sup>**

algrodt@hotmail.com

aline\_lorandi@hotmail.com

A obra “Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolingüística”, de organização de Alessandra Del Ré, publicada no ano de 2006 pela Editora Contexto, constitui-se de grande valor aos estudiosos da área, uma vez que engloba três grandes assuntos: a aquisição de língua materna (normal e atípica), aquisição de segunda língua, e aquisição da escrita, trazendo ao leitor abordagens recentes e bem fundamentadas dos temas desenvolvidos. Além disso, abarca, sob o título “Aquisição da Linguagem”, diferentes perspectivas sobre o que pode ser estudado nessa ampla área de investigação, preenchendo uma lacuna na literatura sobre esse tema. Disposto em 202 páginas, o volume é constituído de apresentação e oito capítulos, distribuídos de acordo com os temas anteriormente citados. O leitor pode escolher seguir a leitura ou escolher os capítulos de seu interesse, já que são independentes entre si.

Na apresentação, a organizadora destaca a importância e a necessidade de uma compilação em português sobre o assunto, em virtude do número crescente de estudos na área da Aquisição, entendida como subárea da Psicolingüística. A autora também comenta brevemente os capítulos subseqüentes, sempre munidos de grande exemplificação e discussão sobre estudos e pesquisas já realizados na área.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria e Análise Lingüística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras – Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

O capítulo que inicia a obra intitula-se “A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática” e tem a autoria da organizadora, Alessandra Del Ré. A fim de situar o leitor no assunto, para que a leitura dos próximos capítulos seja mais proveitosa, é feita uma descrição histórica sobre o início dos estudos sobre aquisição da linguagem. O primeiro registro data do século XIX, fase da Lingüística Histórica e Gramática Comparada, passa por Saussure e Bloomfield na primeira metade do século XX, e, em seguida, depara-se com Chomsky e a Teoria Gerativa Transformacional. Neste contexto, nascem a Sociolingüística e a Psicolingüística, da qual se recorta a Aquisição da Linguagem, área que mistura Psicologia, Lingüística, Epistemologia Genética, Etnologia e Psicanálise. O objetivo é, então, explicar o fato de as crianças, por volta dos três anos, serem capazes de fazer uso produtivo de suas línguas. Em seguida, a autora discute os métodos utilizados pelos pesquisadores e as principais teorias, destacando que a metodologia segue os pressupostos teóricos de que parte o estudioso. Nessa linha de pensamento, a autora busca descrever teorias, situando o contexto em que se desenvolve. O Empirismo, que considera que a mente não é fundamental, engloba o behaviorismo (Skinner, 1957) e o conexionismo (Plunkett, 2000). O Racionalismo, que admite a existência da mente e atribui a ela a responsabilidade pela aquisição, engloba o inatismo (Chomsky, 1965) e o construtivismo, subdividido, por sua vez, no cognitivismo (Piaget, 1961) e o interacionismo (Vygotsky, 1956). O Interacionismo Social propõe que a criança não é um aprendiz passivo, mas sujeito que constrói seu conhecimento pela mediação do outro, sendo a interação social e a troca comunicativa a base da aquisição. Tal teoria foi conhecida durante muito tempo por Sociointeracionismo<sup>3</sup> (Lemos, 1982) e é caracterizada como o estudo do processo dialógico instaurado entre mãe e criança. Neste processo a construção não é unilateral, mas envolve a atuação das duas partes. Como, segundo a autora, é apenas no nível do discurso que se torna possível operar a ligação entre os níveis lingüístico e extralingüístico, as teorias passam a tomar o domínio do discurso como seu objeto, focando na aquisição do discurso infantil. Por fim, a autora traz o recorte de uma pesquisa em Aquisição cuja abordagem é a discursiva, em que analisa o humor no discurso infantil, diferenciando diferentes instâncias de humor e destacando que esse tipo de dado deve ser analisado qualitativamente, buscando-se observar a impossibilidade de se analisar esse tipo de dado com conceitos “adultos”, uma vez que a

---

<sup>3</sup> Há algum tempo Lemos substitui o termo Sociointeracionismo por Interacionismo.

relação da criança com o mundo não tem os mesmos critérios de exigência e de significação comparados ao adulto.

No capítulo 2, intitulado “Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens”, as autoras Selma Leitão e Luci Banks-Leite afirmam que o interesse pela argumentação remonta a contribuições dos antigos filósofos e à lógica. Com muitos exemplos, as autoras descrevem o modelo de Toulmin, cujos estudos empíricos baseiam-se em um modelo proposto para a descrição e análise das funções dos vários elementos que compõem a argumentação; e a proposta de Perelman e Olbrechts, que dá ênfase ao papel do auditório e ao contexto dentro do qual o argumentador se dirige ao auditório. As autoras também descrevem alguns estudos de argumentação infantil na perspectiva filosófico-retórica, que indicam, entre outros achados, que crianças de dois anos e meio oferecem justificativas para metas e são capazes de defender suas escolhas. Tais estudos contribuem na montagem de um perfil das possibilidades argumentativas das crianças. Quanto à argumentação infantil à luz de abordagens lingüístico-discursivas, são expostas as linhas de pesquisa de Grize e a Lógica Natural, e de Anscombe-Ducrot e a Teoria da Argumentação na/dentro da Língua. Tais teorias preocupam-se em abordar o funcionamento e o desenvolvimento da capacidade argumentativa infantil. A partir dos achados de tais estudos, em especial do último, é possível afirmar que, desde que a linguagem aparece, há argumentação.

O próximo capítulo é de autoria de Christiane Préneron e chama-se “Distúrbios da linguagem oral e da comunicação na criança”. A autora inicia sua discussão frisando que o objetivo, no momento, não é tratar de atrasos na aquisição da linguagem, mas de distúrbios, disfasias, nem sempre tão fáceis de serem identificados e classificados. De acordo com a vertente receptiva, há os *déficits gnósicos* – a capacidade auditiva é normal, embora a percepção temporal da fala altera-se, tornando impossível a compreensão da linguagem –, e os *distúrbios da compreensão* – puramente lingüísticos. Quanto à vertente expressiva, é possível distinguir cinco níveis de déficits: (1) o nível da articulação, (2) o nível fonológico, (3) o nível morfossintático, (4) o nível lexical e (5) o nível semântico-pragmático. Uma vez que esses níveis não podem ser expressos de forma exclusiva, a autora discute as síndromes ou combinações de sintomas. À guisa de exemplificação, são descritas a *síndrome fonológico-sintática*, a *síndrome sintático-semântica*, e a *síndrome semântico-pragmática*, distúrbios essencialmente lingüísticos, sem traços autistas ou de outras patologias. Préneron ressalva que a classificação das síndromes permite distinguir tendências gerais. Contudo, as crianças, dentro de uma

mesma síndrome, podem ter estilos “linguageiros” próprios, resultados de uma disfasia particular. Por fim, são discutidos os modos de tratar esses distúrbios, que vão desde a corrente reeducativa à terapia da linguagem e da comunicação.

No capítulo 4, “Aquisição da L2: compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2”, a autora Marie-Thérèse Vasseur expõe que, inicialmente, a preocupação no ensino de língua estrangeira (LE) se ancorava na língua alvo, como, por exemplo, os estudos estruturalistas e a Lingüística Contrastiva, que buscava acabar com as “interferências” (erros) advindas das práticas de ensino de LE. Com o tempo, entretanto, e com o advento da Aquisição da Linguagem, passou-se a acreditar que o erro não era algo ruim, até então visto como falha, mas antes um vestígio de processo cognitivo, que poderia orientar o pesquisador sobre as hipóteses levantadas pelos aprendizes durante o processo de apropriação da LE. Dessa forma, o foco foi deslocado da língua alvo para a “interlingüe”<sup>4</sup>, ou seja, o dialeto idiossincrático do aprendiz, a língua do aprendiz. Os erros, então, foram estudados a fim de serem encontradas regularidades e, finalmente, regras. Em seguida, a autora os estudos que focam a dimensão sincrônica e diacrônica da “interlingüe”, de forma longitudinal e comparada, cujas análises focalizavam as diversas formas utilizadas ao longo do tempo por um locutor e analisavam a evolução das regras da “interlingüe”, e, então, comparavam com resultados de outros aprendizes de outras ou da mesma língua-alvo. A autora também descreve os estudos focados nas estratégias de cooperação utilizadas pelo aprendiz, que, neste momento, é chamado de *aloglota*, uma vez que não está em sala de aula em situação de aprendizagem, mas sim “utilizando uma língua que não é a sua materna em uma determinada situação de comunicação”. Por fim, são comentados os estudos em que a aquisição de L2 que focam o contexto de interação em situação de interlocução de aloglota e nativo. Essa abordagem entende como importante a L1 para a comparação de diálogos quando L1 e L2 possuem certa proximidade, como o francês e o espanhol, por exemplo.

O capítulo 5, “Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados”, de Maria Alice Venturi, inicia com a exposição de que a Lingüística Aplicada nasceu como estudos que se baseiam em estudos lingüísticos anteriores e assumem uma teoria lingüística. Recentemente, os estudos em Lingüística Aplicada voltados para LE direcionaram seu foco não apenas para a descrição, mas também para

---

<sup>4</sup> Termo advindo do francês.

o ensino e a aprendizagem de línguas. Em seguida, a autora comenta brevemente as principais teorias de aquisição de LE: a Psicologia Vygotskiana, o Modelo do Monitor, a Teoria dos Universais Lingüísticos, a Teoria do Discurso e a Teoria Cognitiva. Também é descrito um breve panorama do desenvolvimento teórico-lingüístico, iniciando com os estudos de Skinner e contrapondo o inatismo de Chomsky às teorias interacionais. Em seguida, discutem-se semelhanças e diferenças entre aquisição de língua materna e de L2. Por fim, Venturi descreve um exemplo de pesquisa em aquisição de língua estrangeira, desde os aspectos lingüísticos até os culturais e pragmáticos dos dados. Tal pesquisa mostra que, se por um lado a proximidade de L1 e L2 facilita a transferência de estruturas, por outro, leva o aprendiz a preferir palavras sinônimas do tronco comum das línguas, mesmo quando o significado não seja o esperado para determinado contexto.

O capítulo subsequente, intitulado “Escrita e interação”, é introduzido pela autora Mônica de Araújo Fernbach com a seguinte questão: “o que acontece quando escrevemos?”. A partir daí, a repercussão de pesquisas na área levou o texto a não mais ser analisado na escola como o produto final, mas como um processo de interação cujo objetivo é a reescrita. A autora traz três tipos de operações feitas pelo escritor no processo redacional: a *planificação* (objetivos, seleção de elementos, tipo de discurso), a *microplanificação* (atividade de redação propriamente dita) e a *revisão* (releitura, remanejamento, reescrita). A revisão, por sua vez, comporta três componentes: a *detecção* (o escritor torna-se leitor do seu próprio texto), a *identificação* (comparação do que está escrito com o que se gostaria que emergisse) e a *correção* (tomada de consciência dos problemas existentes). Há pesquisas que se atêm ao estudo de manuscritos e rascunhos, com o intuito de identificar o processo cognitivo de produção do texto definitivo. Como exemplo, a autora descreve pesquisa feita sobre rascunhos de estudantes, destacando tendências e evolução textual. As modificações realizadas ao longo do processo de escrita indicam atividade metalingüística, ou seja, a própria linguagem passa a ser, em um determinado momento, objeto de estudo. A autora, finalizando o capítulo, também descreve pesquisa feita com estudantes que tiveram que criar um texto em duplas, a fim de discutir a redação cooperativa, a qual é composta por cinco fases: a *elaboração conceitual* ou *pré-formulação*, a *elaboração redacional*, a *inscrição*, a *leitura e encadeamento* e a *reinscritura* ou *correção gráfica*.

O capítulo 7 intitula-se “O jogo das representações gráficas” e é de autoria de Sílvia Dinucci Fernandes. A autora inicia sua discussão comentando que a língua é

considerada um sistema, e a aquisição da escrita é um processo cognitivo de reflexão sobre o caráter simbólico dos sinais materiais da representação da escrita. A habilidade de segmentar e combinar os sons é pré-requisito para a aquisição da leitura e da escrita. Segundo a autora, o processo de aquisição da escrita é determinante no desenvolvimento cognitivo da criança, pois, a partir de procedimentos instrucionais, estimula a capacidade de categorização e a descoberta de princípios, a capacidade de abstração e representação, a percepção da relação entre fonema-grafema, e permite a apreensão da estrutura da escrita. Para que o processo de alfabetização aconteça, portanto, a criança deve transferir sua atenção do significado das palavras para suas estruturas, o que as torna metalingüisticamente conscientes. A autora destaca que a criança é sujeito ativo na trajetória da aquisição da escrita, já que formula hipóteses, verifica se estão corretas, elabora novas hipóteses, a partir de mecanismos cognitivo-lingüísticos de fundamental importância. A escrita é caracterizada como uma atividade metalingüística, em que a criança manipula propriedades formais do sistema que não necessariamente estão ligadas diretamente ao que designam e que, por isso, exigem um grande esforço cognitivo, razão pela qual a autora destaca o papel dos estudos lingüísticos aliados a outras áreas do saber para dar conta de explicar sua aquisição. Dessa reflexão emerge como fundamental o papel da estimulação das habilidades metalingüística na criança como forma de consolidar mecanismos ainda frágeis do processo de aquisição.

O capítulo que finaliza a obra intitula-se “O que nos indica a linguagem da criança: algumas considerações sobre a linguagem”, de autoria de Frédéric François, apresenta uma reflexão sobre a singularidade do processo de aquisição da linguagem, a partir da questão: “todas as crianças entram na linguagem do mesmo modo?”. Após fazer discussão sobre algumas questões que se referem ao conhecimento da língua e suas relações, o autor segue seu texto fazendo um contraponto entre “língua” e “linguagem”. Ao levantar o fato de que esses dois termos não possuem noções unívocas, é desenvolvida uma discussão e uma crítica acerca da definição saussuriana de “fala”. Ao se referir à linguagem com sendo “aquilo que passa pelo objeto específico “língua”, conduz outras reflexões acerca das diferentes possibilidades de as mensagens manifestarem as especificidades de sua maneira de significar, de forma especial referindo-se à fala das crianças. Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que conhecimentos lingüísticos, ao contrário de conhecimentos geográficos, por exemplo, tem sua aquisição constituída no uso, sendo difícil – ou impossível – separar o “servir-

se da língua” do “aprender a servir-se dela”, como acontece com outros saberes. A partir de alguns exemplos, François mostra que o sentido não está só em enunciados, mas também nos olhares e gestos que configuram argumentos no interior de um mundo de troca lingüística, configurando uma relação entre sentido, corpo e linguagem. Essas reflexões remetem à multiplicidade dos caminhos de entrada na linguagem e à heterogeneidade que a constitui.

A obra em questão destaca-se pela forma como abrange diferentes tópicos referentes a uma mesma área, tão rica e ampla, possibilitando ao leitor um panorama geral sobre a gama de possibilidades dos estudos sobre aquisição da linguagem. Além disso, representa um ganho para a literatura da área e para estudiosos, iniciantes ou não, pois reúne diversas abordagens interessantes e bem fundamentadas teoricamente de diferentes olhares lançados à aquisição da linguagem, sob um viés psicolingüístico.

DEL RÉ, Alessandra. *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolingüística*. São Paulo: Contexto, 2006.